Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade
Igarapé ISSN 2238-7587

Theodor Koch-Grünberg, tradutor da Amazônia

Theodor Koch-Grünberg, Amazon translator

Riane de Deus Lima[1]

Resumo: O ensaio apresenta e discute a obra de Theodor Koch-Grünberg, etnógrafo alemão que se notabilizou por reunir um conjunto de *lendas* entre os povos indígenas da região Circum-Roraima que serviu de base para a construção do romance Macunaíma, do escritor modernista Mário de Andrade. O texto argumenta em torno do processo de tradução das narrativas dos encantados próprios das culturas indígenas para a língua alemã.

Palavras-chave: Theodor Koch-Grünberg; Amazônia; tradução.

Abstract: The essay presents and discusses the work of Theodor Koch-Grünberg, a German ethnographer who was famous for collecting a set of "legends" among the indigenous peoples of the Circum-Roraima region that served as the basis for the construction of the novel Macunaíma, by the modernist writer Mário de Andrade. The text discusses the process of translating the enchanted narratives of indigenous cultures into German.

Key words: Theodor Koch-Grünberg; Amazonia; translation.

Introdução

Theodor Koch-Grünberg foi um americanista[2] excepcional. Grünberg, como americanista, dedicou-se de maneira diligente ao estudo dos povos tradicionais sul-americanos e à produção de provas materiais da importância dessa gente. Entretanto, apesar de inegáveis contribuições como etnógrafo, pesquisador, escritor e filólogo, propomos desvelar uma face não tão considerada desse importante estudioso alemão: o tradutor Theodor Koch-Grünberg.

Tal ideia ocorre considerando a expedição de dois anos, saindo de Manaus, subindo o Roraima, objetivando chegar até a foz do Rio Orinoco. A viagem do pesquisador alemão resultou na publicação *Do Roraima ao Orinoco: Resultados de uma viagem no Norte do Brasil e na Venezuela nos anos de 1911 a 1913*[3]*(tradução nossa)* dividido em cinco livros: um diário de viagem; um conjunto de narrativas coletadas no Monte de Roraima; um fascículo dedicado

[1] Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários PPGL/UFPA, rianedlima@gmail.com, Orcid: 0000-0001-5791-6050;

[2] Um americanista precisa ser membro do Congresso Internacional de Americanistas, evento realizado de três em três anos, alternadamente entre o Velho e o Novo mundo, no qual apresenta seus estudos, sejam históricos ou científicos acerca das duas Américas e de seus habitantes. A instituição é antiga; sua primeira reunião foi em 1875 em Nancy, na França, com apenas hiato de tempo entre os eventos durante a Segunda Guerra Mundial (XVII Congresso, realizado no México em 1939 e o XVIII, realizado em Paris, em 1947). Em 2023, americanistas modernos realizaram seu 57º encontro, contabilizando 150 anos ininterruptos da existência dessa associação de estudiosos;

[3] Cf. *Vom Roroima zum Orinoco Ergebnisse Einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*.

à etnografia Taurepang e canções; um vocabulário e gramática de línguas indígenas de distintas regiões do rio Branco e Orinoco; e um volume com fotografias de tipos físicos dos povos visitados.

As muitas narrativas que o estudioso recolheu com as contribuições de dois representantes dos povos do entorno do Monte Roraima, Akulí e Mayuluaípu, durante sua expedição de dois anos, foram publicadas na Alemanha com o título *Volume II: Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arekuná*[4]*(tradução nossa)*.

Nessas narrativas, o Monte Roraima destaca-se no horizonte, como imenso imaginário geográfico e compartilha discussões teóricas centradas na ideia de caracterizar cultural e literariamente um espaço comum de tradições: o Circum-Roraima. O espaço etnográfico circum-Roraima localiza-se na tríplice fronteira entre o Brasil, Venezuela e a Guiana Inglesa e abriga povos de diferentes grupos de povos tradicionais, os Kapon – Ingarikó ou Akawaio e os Patamona – e os Pemon – Kamarakoto, Arecuná, Taurepáng e Macuxi.

Ao publicar seu livro sobre *Mitos dos Taulipáng e Arekuná* Grünberg faz um *deslocamento* dessas narrativas dos povos originários da América do Sul para a Alemanha, ajudando com esse processo a corroborar as premissas da *Völkerkunde*[5], da qual era representante. Tal era a busca do etnógrafo Grünberg: documentação detalhada de um máximo de ideias, ações, produtos de ações sociais e objetos da cultura material observáveis, para comprovar as três premissas da *Völkerkunde* (etnologia)*:* 1 - cultura como força geradora a ser estudada pela antropologia; 2 - a mesma ideia, apareceria em dois povos diferentes; e 3 – somente a historiografia das culturas revelaria os segredos de seu desenvolvimento.

Quando jovem, Theodor Koch-Grünberg fazia a leitura de um periódico assinado por Karl Koch, seu pai; o título era *Globus.* Nessa revista, havia o relato das viagens de aventureiros e exploradores por terras desconhecidas, além de propiciar familiaridade com a finalidade e metodologia de uma nova ciência que, desde 1850, se fundamentava nos trabalhos do ex-médico Adolf Bastian e do geógrafo Theodor Waitz – a *Völkerkunde* (etnologia) (FRANK, 2005, p.563-564).

[4] Cf. Volume 2: Mythen und Legenden der Taulipang-und Arekuna – Indianer. (Cambridge University Press. New York, 1916 (2009).

[2] Uma nova ciência que ganhou contornos nos trabalhos do ex-médico Adolf Bastian, e do geógrafo Theodor Waitz que objetivava resolver cientificamente a questão das diferenças/semelhanças entre povos distantes no tempo/espaço (FRANK, 2005, p.565).

E essas ideias, norteavam o trabalho de campo de Theodor Koch-Grünberg haja vista a grande quantidade de material etnográfico produzido e coletado pelo pesquisador; foram enormes coleções distribuídas em diferentes museus da Europa, cinco livros só da expedição ao Roraima, além das palestras, artigos, participação em congressos. Assim, a tradução realizada por Theodor Koch-Grünberg dos Mitos recolhidos no Roraima objetivava contribuir para fundamentar o conceito da *Völkerkunde* (etnologia).

E esse processo tradutório das narrativas coligidas no Roraima, realizado pelo etnógrafo alemão, pode ser considerado complexo; principalmente pensando a distância do português para a língua alemã, da língua Taulipáng para português brasileiro ou português de Portugal, e daí para o alemão. O teórico literário José Luís Jobim reflete que não somente em relação à língua original, mas também em relação às formas culturais indígenas existem distâncias imensas que devem ser pesadas. Como por exemplo, a alteração do texto e do contexto; foi transformado até mesmo o ato de narrar, pois na contação das narrativas dos povos tradicionais a performance do narrador tem influência determinante no impacto causado naqueles que assistem. Inclusive o fato narrado, a religiosidade envolvida, o objetivo do Mito escolhido, enfim.

Dessa feita, os limites da tradução foram extrapolados por Grünberg, para dizer o mínimo, pois para Jobim, em *Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações* (2020):

> Koch-Grünberg utilizou dois indígenas (Akulí e Mayuluaípu), dos quais apenas um falava português. Koch-Grünberg dependia dele tanto para as versões originais quanto para sua tradução – sendo que aquele antropólogo alemão não era falante nativo de português, e a língua alemã não tem a proximidade com a nossa língua que tem, por exemplo, o espanhol, o que provavelmente tornou as coisas mais difíceis (JOBIM, 2020, p.102).

A produção e a circulação de obras literárias, nos dizeres de José Luis Jobim, são "onde a experiência humana ganha materialidade, estruturando verbalmente uma maneira de ser e dar sentido ao mundo" (JOBIM, 2020, p.105). Devemos refletir que os elementos externos foram internalizados e processados, transformando-se então, em elementos locais; pois para o autor citado, as obras locais, como os Mitos do Roraima, não são fechadas, mas receberam a introdução de elementos não locais. E isso ocorreu tanto na Alemanha de Grünberg, para onde foram os Mitos Taulipáng, quanto no Roraima narrado por Akulí e Mayuluaípu, para onde veio a narrativa de Noé, da Bíblia, por exemplo, citada em Parentescos e Analogias por Grünberg

como *Nuá:* "Alguns traços dessa lenda se encontram na lenda indianizada de Noé, que o velho cacique Makuxí Inácio me contou no rio Uraricoera" (KOCH-GRUNBERG, 2022, p.258).

Nessa senda, consideraremos a proposta do livro *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna* (2009) de Peter Burke e R. Po-chia Hsia, na qual Peter Burke advoga que um *esforço de tradução* é uma troca entre duas culturas, na qual ocorre um processo de transferências culturais ao longo da história, como nas traduções de obras religiosas, científicas, políticas, literárias, enfim. E cita Umberto Eco: "A tradução é sempre uma transição, não entre duas línguas, mas entre duas culturas" (ECO apud BURKE, 2009, p.13) e mais adiante coaduna com a proposta de que tradução implica em uma *negociação*, não apenas no âmbito do comércio e da diplomacia, mas no intercâmbio de ideias e modificação dos significados (BURKE, 2009, p.15). Que seja, a "maneira de discutir a tradução cultural é falar de um duplo processo de descontextualização e recontextualização, que primeiro busca se apropriar de algo estranho e em seguida o domestica" (BURKE, 2009, p.15).

Partindo desse princípio de tradução enquanto negociação/transição e descontextualização-recontextualização, destacamos o artigo intitulado *Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna*, de Peter Burke, no qual são elencadas seis grandes perguntas que consideramos relevantes para o entendimento da proposta da tradução dos mitos coligidos por Grünberg: *quem traduz? Com que intenção? O quê? Para quem? De que maneira? Com que consequência?* (BURKE, 2009, p.17). A ideia de Burke é situar com essas perguntas o contexto cultural, incluindo sistemas ou regimes de tradução predominantes à época, ou seja regras, normas, ou convenções em voga no período, às quais as traduções estavam sujeitas. Tentaremos responder a essas perguntas, e através desse *quiz* literário ajudar a estabelecer preceitos de tradução da persona Theodor Koch-Grünberg.

A primeira questão, sobre quem traduz, é óbvia; *quem traduz* é o etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg, viajante etnólogo, autor profícuo de inúmeros textos. Contabilizei um total de *31* publicações de Theodor Koch-Grünberg entre livros, e artigos em revistas científicas antropológicas da época. Mas alguns desses textos merecem destaque, como a publicação de sua tese de doutorado sobre as tribos Guaikurú, publicado como artigo no *Periódico Globus* com o título: *As tribos Guaikurú*[6] *(1902)(tradução nossa).* Já em 1896, o jovem Theodor estabeleceu contato com Herrmann Meyer para participar da expedição alemã de Karl von den

[6] Die Guaikurústämme (1902).

Steinen ao rio Xingu, e dessa expedição, apesar de inúmeros contratempos, publicou *Viagem a Mato Grosso (Brasil) Expedição à região do Queli do Schingú*[7] *(1899); Sobre o animismo dos índios sul-americanos (1900) (tradução nossa);* e frutos da sua segunda participação nas expedições ao Xingu de 1903 a 1905 *Dois anos entre os indígenas. Viajem pelo Noroeste do Brasil* [8]*(1903-1905)* e *As tribos indígenas do alto Rio Negro e Yapurá e sua filiação linguística (1906))(tradução nossa).*

A resposta à pergunta seguinte de Peter Burke sobre *com que intenção o etnógrafo fez suas traduções,* demanda um esforço de análise um pouco maior. Falar da intenção dessa tradução de Grünberg exige uma tentativa de compreensão dos princípios que o orientavam, de quem patrocinava sua expedição e até mesmo da maneira de interagir com outras culturas.

Encontrei algumas respostas sobre esses princípios com Antoine Berman em *A prova do estrangeiro* (2002), onde o crítico literário e teórico francês da tradução produz um estudo acerca de teorias da tradução dos românticos alemães. E compara autores como Herder, Goethe, Schleiermacher, Humboldt e Hölderlin, todos contemporâneos de Theodor Koch-Grünberg. Também mostra como a tradição da tradução na Alemanha, que tem sua origem em Lutero, definiu-se como oposição à cultura francesa clássica, especificada em uma característica: o estranhamento causado pelo outro, pelo estrangeiro.

Também podemos citar Goethe, em seu livro *Divã ocidento-oriental* (2020), - que se aproxima do oriente com o uso da palavra persa *Diwan* para coletânea - nessa reflexão acerca da intenção da tradução. Na seção *Traduções* de *Divã* o autor afirma que a versatilidade chegou aos alemães graças à tradução; e que traduzir trouxe para a cultura muitas vantagens, porque além de copiar uma outra retórica, o ritmo e a métrica fez dos alemães um povo eclético. Além disso, na opinião do autor, quando um tradutor modifica o texto de um poeta, isso seria um dos erros mais tristes de qualquer tradutor que objetive ser dedicado e consciente (GOETHE,2020, p.405).

Por conseguinte, entendemos que a formação de tradutor de Theodor Koch-Grünberg é oriunda de uma construção cultural alemã; e um fato histórico decisivo para a cultura, a língua e a identidade alemã foi a tradução, no século 16, da Bíblia por Lutero (BERMAN,2002, p.28).

[7]Reise in Matto Grosso (Brasilien) Expedition in das Queligebiet des Schingú (1899); Zum Animismus der Südamerikanischen Indianer (1900).

[8] Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nordwest-Brasilien (1903-1905); Die lndianerstämme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprachliche Zugehõrigkeit (1906).

Pois a partir dessa tradução de um texto considerado sagrado, surgiu uma mudança de paradigma:

> Ato gerador de identidade, a tradução foi na Alemanha, de Lutero até nossos dias, objeto de reflexões das quais dificilmente se encontraria o equivalente em outro lugar. A prática tradutória é acompanhada aqui por uma reflexão, às vezes puramente empírica ou metodológica, às vezes cultural e social, às vezes francamente especulativa, sobre o sentido do ato de traduzir, sobre suas implicações linguísticas, literárias, metafísicas, religiosas e históricas, sobre a relação entre as línguas, entre o mesmo e o outro, o próprio e o estrangeiro. A Bíblia luterana é em si mesma a autoafirmação alemã diante do latim de "Roma", como Lutero assinalou em sua *Epístola sobre a arte de traduzir e sobre a intercessão dos Santos*. (BERMAN, 2002, p.30)

Assim, para Berman, o fato da fundação e formação do alemão literário ser baseado em uma tradução, esclarece por que há na Alemanha uma *tradição da tradução*, (BERMAN, 2002, p.54), e, como exposto, os efeitos advindos da tradução, como o acréscimo da métrica, da retórica, enfim, do estrangeiro na formação pessoal e cultural de cada alemão.

Nesse sentido, se consideramos que o *estrangeiro* é um dos aspectos que contribui para constituição de uma identidade alemã, podemos começar a entender a condução do processo da tradução de Theodor Grünberg como um alemão, seguidor de determinada *tradição de tradução* de sua pátria, a Alemanha.

Berman esclarece em seu texto que a identidade definida pela alteridade, é constituída pela experiência, atravessada pelas aparências, e se constitui mediante polaridades: cotidiano/maravilhoso, próximo/longínquo, conhecido/desconhecido, finito/infinito. Ou seja, a experiência do estranhamento causado pelo outro, ajuda no entendimento de si mesmo.

Daí a importância de uma *tradição de tradução* para a cultura alemã no final do século 18, época de Voss, Hölderlin, Schleiermacher, Schlegel, da filologia, do orientalismo, da pesquisa comparatista, do folclore, dos grandes dicionários nacionais, e da crítica literária e artística (BERMAN,2002, p.86-87) e que consequentemente influiu na formação de Theodor Koch.

Adentrando um pouco mais nessa tentativa de entendimento acerca da questão da tradução e do papel do tradutor desempenhado por Theodor Koch-Grünberg buscamos outro autor: John Milton. Em seu livro *Tradução, Teoria e Prática* (1998), o autor aborda as questões das diferenças entre estilos de tradução, como estilos que adaptam a obra estrangeira, tornando-a mais palatável ao leitor, e outros estilos, que retém elementos sintáticos e morfológicos do original, promovendo o estranhamento na cultura de chegada.

É interessante que Milton nomeou o capítulo III do livro como: "Les belles infidéles e a tradição alemã", pois o autor faz acepção de que a *infidelidade na tradução*, ou seja, adaptar a tradução ao estilo cultural do país, como faziam os franceses, se contrapunha ao que seria uma *tradução fiel*, pois essa tradução buscaria o estranhamento do texto e da língua estrangeira, o que era promovido pelos alemães.

Nesses termos, John Milton afirma que para os alemães havia uma ideia de que o contato com literaturas estrangeiras era necessário para o desenvolvimento da literatura alemã. E segundo esse autor: "Os escritores alemães também consideram a tradução como sendo de grande valor para o desenvolvimento do indivíduo" (MILTON, 1998, p.62).

Dessa forma, parece meio óbvio concluir que, imbuído desses pressupostos sobre a importância da tradução como fundamento de uma formação cultural, acadêmica e pessoal tradicional na Alemanha desde a tradução da Bíblia por Lutero, Theodor Koch-Grünberg buscou acrescentar os textos das tradições culturais da região do Roraima, contribuindo assim para o enriquecimento linguístico e literário da sua terra natal.

E dando seguimento às perguntas de Peter Burke e R. Po-Chia Hsia, tentaremos responder a esse questionamento sobre o *que foi traduzido***.**

Grünberg relata no "PRÓLOGO" que havia anotado diversos mitos e lendas, cujos narradores foram "Mösecuaípu, jovem feiticeiro da tribo dos Arekuná, inteligente e vivo como um *Akulí*, o veloz roedor do qual tirava seu apelido, afortunado na caça, na pesca e no amor"; o outro era Mayuluaípu, chamado José, "um índio Taulipáng muito inteligente, de 28 anos de idade, filho do narrador mais famoso de lendas de seu território, no Alto Majarí" (GRUNBERG, 1981, p. 13).

Na mesma secção, o etnógrafo descreve ainda que "Mayuluaípu me relatou primeiro os mitos em língua portuguesa e eu os traduzi ao pé da letra ao alemão. Depois me ditou uma série de lendas em seu texto original e me ajudou na tradução" (GRUNBERG, 1981, p. 13). Sabemos que então, Grünberg realizou um percurso de tradução inusitado, com encadeamento Taurepang/português/alemão, aberto a possíveis interferências, transformações decorrentes da intenção, cultura, entre outros fatores. Nesse sentido, Grünberg expõe:

> Como tradutor foi para mim de um valor imenso, tanto mais que Akulí não falava nem uma palavra de português. Mayuluaípu relatou-me primeiro os mitos em língua portuguesa e eu os traduzi ao pé da letra para o alemão. Depois me ditou uma série de lendas em seu texto original e me ajudou na tradução exata. Em que medida o relato português era fiel ao texto índio se

> revela ao comparar as duas versões, que em parte foram feitas com várias semanas de diferença. (...)[9] (GRUNBERG, 1981, p. 13)

Assim, *o que foi traduzido* foi uma coleção de narrativas oriundas da região circum-Roraima, e que segundo Fábio Carvalho seriam "artefatos literários, oriundos de diferentes sistemas culturais, patrimônio material e imaterial das culturas ditas não-ocidentais e minoritárias, produções locais e étnicas, historicamente silenciadas na cultura nacional e global" (CARVALHO, 2020, p. 432).

Tais artefatos, pertencentes à cultura dos povos originários dessa região foram coligidos pelo naturalista alemão, narrados a ele pelo indígena Mayuluaípu da etnia Taurepang, em português brasileiro. O aprofundamento de um contato com uma cultura diversa da cultura alemã parece ser um dos objetivos da expedição de Grünberg, tendo em vista que saiu da longínqua Alemanha vindo à América do Sul, coletando artefatos, tanto materiais quanto linguísticos, para representar, estudar e buscar entender, através de análises, estudos e publicações, montando verdadeiros mapas etnográficos complexos desses povos tradicionais brasileiros.

Assim sendo, dando segmento ao apresentado por Burke em *Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna*, refletimos por ora na resposta possível ao questionamento *para quem essas traduções eram feitas.* Iniciamos com uma perspectiva simplista: para um público alemão que patrocinava as expedições de Grünberg. Mas devemos também considerar a questão da *Völkerkunde,* a ciência de interesse intelectual, acadêmico e científico da Alemanha da época de Theodor. *Völkerkunde* é a antropologia alemã, desde a sua invenção por Waitz e Adolf Bastian. Mêrivania Rocha Barreto, colega de doutorado em Letras pela UFPA, em sua dissertação de mestrado *Makunaima/Macunaíma - Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções* (2014) faz acurada explicação:

> *Völkerkunde* (*Völker* –povos-*Kunde* - conhecimento) – corrente antropológica alemã que estava em voga nas academias e quando a etnografia ia se consolidando enquanto ciência – a qual buscava, principalmente, o entendimento da natureza do homem e de sua cultura, através da comparação do caráter e do modo de vida de diferentes povos (BARRETO, 2014, p.16).

A Antropologia alemã foi o tema abordado pelo professor da UFRR Erwin Frank no artigo *Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX na*

[9] Aqui Grünberg faz referência uma comparação entre a tradução interlinear e as lendas coligidas na primeira parte do tomo II.

Revista de Antropologia da USP (2005) no qual o autor esclarece que o trabalho etnográfico da Alemanha visava às sociedades sul-americanas por ser um território pouco explorado, tendo em vista que a Oceania era pesquisada pela antropologia francesa e a antropologia inglesa estudava a África.

> Agenciada pelo método *Völkerkunde* e, por isso, comprometida com o objetivo de compulsar relatos de viagem e de estruturar repositórios de folclore, a empreitada de Koch-Grünberg se consubstanciava enquanto prática etnográfica empenhada na montagem de coleções de artefatos diversos – compósitos de elementos materiais e imateriais, estruturadores e conformadores das culturas estudadas. Em última instância, objetivava a reproduzir no rico ambiente dos museus da Europa, as condições de vida que havia experimentado durante a viagem (CARVALHO, 2016, p.673).

A leitura dos textos sobre a *Völkerkunde*, sobretudo as cartas trocadas por esses estudiosos, deixa clara a intenção de validar seus estudos etnográficos. A tese de Erik Petschelies *As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)* (2019) aborda essas interações entre os americanistas, como a carta de Von den Steinen alertando Grünberg para temer a concorrência, tendo em vista que a *Sociedade de Paris* enviara um representante para a mesma região onde estava Theodor Grünberg, e que o etnógrafo sueco Barão Erland Nordenskiöld liderava uma expedição com o mesmo destino (PETSCHELIES, 2019, p.367). Portanto, é lúcido deduzir que havia uma certa rivalidade entre as nações e um desejo de reconhecimento internacional por parte dos estudiosos alemães. Isso ajuda a responder o questionamento sobre para quem as traduções foram feitas. Que essas traduções foram feitas inicialmente para o público alemão, mas considerando a preocupação como a presença de estudiosos de outros países, acreditamos que as pesquisas etnográficas visavam estabelecer uma posição de destaque, não apenas para os americanistas aludidos anteriormente, mas também para a mãe pátria, a Alemanha.

Isto posto, prosseguindo na proposta de responde ao *quis* literário de Peter Burke, respondendo *de que maneira as traduções eram feitas.* Koch-Grünberg possuía uma firme crença de estar na presença do exótico, e demonstrava interesse pelos elementos chamados *primitivos*, tidos como "não influenciados pelo cristianismo de nenhum modo" (GRÜNBERG, 1981, p.13). Inferimos que as traduções feitas por ele estavam na perspectiva da *Völkerkunde* (antropologia), dos patrocinadores, na premissa do estranhamento e enriquecimento linguístico; na tradição da tradução alemã, enfim.

Considerar a maneira como Theodor Koch-Grünberg fez a tradução obriga-nos a ponderar e a cogitar diversas questões: como o choque cultural, o aparelhamento científico, o *exótico* proposto, e até mesmo a ideia de *penetrar na alma de um homem e na de um Povo* (KOCH-GRÜNBERG, 1982, p.17). E considerar ainda, que a ciência *Völkerkunde* a qual o etnógrafo defendia era recente e ainda precisava ser consolidada, é justo acreditar que, apesar das boas intenções do etnógrafo, todo esse encadeamento interpretativo da tradução entre Taurepang/português/alemão acarretou, no mínimo, pontos de atrito.

Destacamos alguns trechos do primeiro livro *Do Roraima ao Orinoco*, no qual a viagem é descrita, acompanhada de fotografias para demonstrar alguma intencionalidade no texto. Nesse Tomo, Theodor Koch-Grünberg registra um diário etnográfico de campo, e podemos acompanhar o desenrolar da viagem, as impressões sobre os eventos ocorridos no decorrer da expedição. Nesses relatos, percebemos a busca pela consolidação da *Völkerkunde*, como é importante para o etnógrafo alemão que os povos sejam primitivos, exóticos e não civilizados, diferente do descrito no trecho a seguir, no qual o próprio Theodor Koch-Grünberg fez os destaques: "Em uma mesa "civilizada" que está coberta com uma toalha de mesa branca, comemos em pratos de porcelana, com colheres, facas e garfos "civilizados", uma comida bastante "civilizada" (KOCH-GRUNBERG, 1979, p.88).

Os trechos seguintes, todos do livro I, trazem destaques nossos, objetivando a uma melhor compreensão das intenções de como a tradução foi feita. Tentamos evidenciar que para o etnógrafo alemão, os preceitos da *Völkerkunde,* as *ideias elementares* podiam ser comprovadas por esses povos tradicionais, pelo registro e pela coleta de seus artefatos, mas que para tal comprovação era necessário que eles fossem verdadeiramente *primitivos, não civilizado*:

> Não são verdadeiros caminhos, *em nosso conceito de civilizados* (...) (KOCH-GRÜNBERG, 1979, p.42)
>
> Eu tenho que confessar que me sinto muito melhor neste *ambiente primitivo* que *na caricatura de civilização* que acabo de abandonar (KOCH-GRÜNBERG, 1979, p.44)
>
> Amam o *branco* porque este não se acha mais que eles, porque vive com eles como um deles, porque vai à caça, bebe e dança com eles (KOCH-GRÜNBERG, 1979, p.60)
>
> Não se deve levar muito a sério estes pequenos enganos dos índios. Como crianças, eles não têm nenhum sentido especial de responsabilidade, menos

> ainda em frente um *branco* que sempre é amável com eles e só vive com eles de passagem (KOCH-GRÜNBERG, 1979, p.140)

Aqui, destacamos o interesse de Theodor Koch que não houvesse influências, para que todo o material mítico recolhido fosse original. Na seção intitulada *Parentescos e Analogias* de Mitos e Lendas (2022) o naturalista faz um comparativo e cita narrativas que são *cristianizadas* para uso na catequese dos povos indígenas. Seria o inverso do que pretendia com sua expedição, pois na "lenda indianizada de Noé[10], que o velho cacique Inácio me contou no rio Urariquera" (KOCH-GRÜNBERG, 2022, p.258) os povos tradicionais contam a lenda de *Nuá*, muito similar ao *Noé* bíblico para ser ignorado pelo estudioso. O que em parte, *fura* a teoria de Grünberg.

Podemos depreender da leitura das palavras do etnógrafo alemão, não só nas citadas nas seções *Prólogo* e *Parentescos e Analogias*, um apropriar-se de outros conteúdos e formas. E cito Antoine Berman, ao considerar influências que inconscientemente permeiam o trabalho do etnógrafo alemão, passíveis de identificação no seguinte excerto:

> no interior do cenário da literatura europeia, a tradução desempenha um papel decisivo, em grande parte porque ela é *transmissão de formas*. A retomada dos contos e das poesias populares, dos cantos e das epopeias medievais, de Herder até Grimm, tem o mesmo sentido: trata-se de um tipo de intratradução pela qual a literatura alemã se apodera de um vasto tesouro de *formas,* bem mais de que de um estoque de temas e de conteúdo. (BERMAN,2002, p.31).

Provavelmente por isso, fosse tão importante ter feito suas traduções *ao pé da letra* do Taurepang para o português e deste para o alemão. Mas apesar dessa perspectiva da tradução literal alegada textualmente nas páginas do Tomo II das viagens do Roraima até a Venezuela por Theodor Koch-Grünberg, precisamos considerar que ele não era falante dessas línguas. Mas com intuito de preservar culturas consideradas por ele relevantes, buscou incansavelmente um entendimento desses povos:

> Cada dia me dita textos dos Taulipáng, contos de fadas e feitiços mágicos que traduzimos juntos, palavra por palavras, para o português. É assim que eu vou mais fundo neste rico idioma e consigo, não sem um grande trabalho, um material precioso.

[10] Na secção intitulada *Parentescos e Analogias*, Grünberg comenta a similaridade dos Mitos com outras narrativas mundialmente conhecidas, como o dilúvio bíblico narrado pelo velho cacique Macuxi Inácio no rio Urariquera, cujo protagonista Nuá manda construir um grande barco, no qual coloca animais e planta todos os frutos. Nuá escapa do dilúvio e envia pássaros, assim como fez Noé, a pomba que ele envia transforma-se em um urubu. Grünberg faz a ligação dessa narrativa tanto com os textos da Bíblia, quanto com a antiga tradição judaica, aonde o corvo não volta para devolver a notícia por estar num cadáver apodrecido no topo de uma montanha (GRÜNBERG, 2022, p.259-260).

> Estes feitiços da América do Sul são da maior importância para a etnologia e até agora eles eram perfeitamente desconhecidos. Ainda não se desenvolvem dentro de uma concepção animista do mundo e, portanto, pertencem a um imaginário mais antigo (KOCH-GRÜNBERG, 1979, p.220-221)

A "difícil penetração na alma de qualquer povo" é procedimento intrincado, mas o etnógrafo alemão dedicou toda a sua vida aos representantes dos povos tradicionais, principalmente no Brasil, e graças a isso, obtivemos acesso ao precioso conjunto narrativo lendário que circulou e ainda circula oralmente pelo entorno do Monte Roraima.

> Neste volume vou relatar o que vi e o que vim a conhecer sobre a cultura material e espiritual de algumas tribos do Norte do Brasil e Sudeste da Venezuela, entre o Rio Branco e o Orinoco. Percebo que, de certos pontos de vista, podem ser apenas fragmentos, mas fragmentos que mantêm seu valor à medida que a desintegração desses povos e sua cultura avança rapidamente. *É difícil penetrar na alma de um homem e na de um Povo.* As páginas que seguem demonstrarão até que ponto eu consegui (grifo meu) (GRÜNBERG, 1982, p.17).

É fácil entender que o estudioso alemão não tinha como separar sua visão pessoal do que escrevia, e esse entendimento surgiu após a leitura do livro de Lawrence Venuti *A invisibilidade do tradutor – Uma história da tradução* (2021). Cito Venuti:

> A ideologia é concebida como um conjunto de valores, crenças e representações inscritos na linguagem, sem que o usuário tenha consciência deles ou controle sobre eles, e que mantêm ou desafiam as hierarquias em que os grupos sociais estão posicionados, atendendo assim aos interesses de grupos específicos.
> A ideologia é, nesse sentido, indistinguível do juízo de valor; é um conceito essencialmente político e que transforma a análise de textos traduzidos em uma crítica da política que eles postulam, feita a partir de um ponto de vista ideológico diferente (VENUTI, 2021, p.12).

Assim, grosso modo, com essa proposta de Venuti em foco, podemos responder à pergunta de Peter Burke sobre *a maneira como as traduções eram feitas;* ou seja, inferimos que as traduções de Theodor Koch-Grünberg foram feitas segundo sua perspectiva da *Völkerkunde* (antropologia) alemã, da qual ele, enquanto etnógrafo, era representante; porque o americanista era leitor assíduo do periódico *Globus*; por causa do Instituto Baessler de Berlin que patrocinava sua expedição; porque trazia arraigada em si a premissa do estranhamento proposto na *Bildung* que formava o povo alemão visando o enriquecimento linguístico de sua própria língua e cultura; além da tradição da tradução advinda desde Lutero.

Considerações Finais

Consequentemente, finalizamos a última das seis perguntas propostas por Peter Burke: *quais foram as consequências da tradução*? A resposta a essa questão é facílima: muitas consequências! Os cinco tomos publicados sobre a cultura da região circum-Roraima são de valor incalculável. E não é demais reconhecer e destacar sua importância para a etnografia norte-amazônica e a antropologia brasileira como um todo.

A esse respeito, a apresentação que faz José Mindlin em *Do Roraima ao Orinoco volume 1* (2006) menciona a importância da tradução da obra do antropólogo Theodor por possibilitar que outros antropólogos, no caso os brasileiros não versados em alemão, acessem uma obra que causa admiração aos especialistas.

Na referida edição, Nádia Farage e Paulo Santilli fazem a introdução, onde destacam a grave lacuna editorial de uma obra-prima de poderosa etnografia acerca dos povos indígenas da língua Pemon em português brasileiro.

> Essa obra extensa e de fôlego surpreendente, o autor define, com modéstia, como "observações de viagem". São dados registrados com minúcia quase obsessiva, como se tivesse a ambição de captar o movimento da vida, a cor dos dias e das estações. Por isso, queixa-se até mesmo de seus filmes fotográficos, em preto-e-branco: "Toda vez, lamento não poder fixar essa sinfonia: de cores. Como a fotografia é insuficiente!": Sua escrita, entretanto, nada fica a dever às imagens, além de detalhista, é forte e envolvente (GRÜNBERG, 2006, p.11-12).

Assim, a importância de Koch-Grünberg para os povos tradicionais da região circum-Roraima não se atém apenas aos aspectos da filologia, etnografia ou antropologia.

Na literatura brasileira, a maior de todas as contribuições do etnógrafo foi ter servido de inspiração para Mário de Andrade criar Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, representando para o Modernismo Brasileiro, como diz Carvalho, a solução artística para uma identificação nacional:

> ao encontrar Macunaíma nas páginas de *Von Roraima zum Orinoco*, Mário de Andrade gozou mesmo foi da sensação da grande descoberta e teve a imediata iluminação eufórica dos que se deparam com novo e rico filão, haja vista que potencialmente capaz de prover de matéria-prima o projeto em que ele estava empenhado desde muito: moldar uma solução artística e literária para a construção de uma cultura própria para o Brasil (CARVALHO, 2015, p. 92).
> Mário de Andrade, em Carta a Alceu Amoroso Lima, datada de São Paulo, 19 de maio, 1928, explica a leitura de Makunaíma em Koch-Grünberg:

> Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou por ele concordar um bocado bastante com a época nossa, não sei... (...)
> Mas se princípio matutando um pouco mais sobre o livro que escrevi sem nenhuma intenção, me rindo apenas das alusões à psicologia do brasileiro que botava nele, principia surgindo tanto problema tratado, tanta crítica feita dentro dele que, tanto simbolismo até que nem parece uma sátira tremenda. (ANDRADE, 1978, p.257).

E com essa descrição do próprio Mário de Andrade encerramos também as questões de Peter Burke acerca da tradução, e com elas o presente artigo sobre a persona Grünberg. Esse brilhante etnógrafo marca nossa história ao estabelecer sua apaixonada carreira filológica pelos povos tradicionais e a ele seremos sempre admirados devedores.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**/Mário de Andrade. – Edição Crítica/de Telê Porto Ancona Lopez. – Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

BARRETO, Mêrivania Rocha. **Makunaima/Macunaíma Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções.** UFPA, Bragança: PA,2014.

BERMAN, Antoine. **À prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**/Antoine Berman; Tradução de Maria Emília Pereira Chanut - - Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna/** Peter Burke e R. Po-chia Hsia (orgs.); tradução Roger Maioli dos Santos – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARVALHO, Fábio Almeida de. **Makunaima=Macunaíma: contribuições para o estudo de um herói transcultural.** 1. ed.-Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

CARVALHO, Fábio Almeida de. Theodor Koch-Grünberg e a cultura brasileira. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 41. P. 665-685, 2. sem. 2016.

CARVALHO, Fábio Almeida de. Considerações sobre o processo de circulação literária: a matriz cultural indígena na matriz cultural brasileira. **Revista Gragoatá**, Niterói, v.25, n. Comemorativo, p. 430-454, julho 2020.

FRANK, Erwin H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 48, n. 2, Dec. 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Divã ocidento-oriental** / West-ostlicher divan/ Johan Wolfgang Von Goethe; tradução e posfácio Daniel Martineschen. – 1.ed. – São Paulo: Estação da Liberdade,2020.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Vom Roroima zum Orinoco Ergebnisse Einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren** *1911-1913* – Volume 2: Mythen und Legenden der Taulipang-und Arekuna – Indianer. Cambridge University Press. New York, 1916 (2009).

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Del Roraima al Orinoco: Observaciones de un viaje hecho por Theodor Koch-Grünberg por el Norte de Brasil y Venezuela durante los años 1911-1913.** Tomo I – Descripción del viaje acompanhada com seis tablas y ciento nueve ilustraciones fotográficas. Gráficas Armitano, C.A. Caracas – Venezuela,1979.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Del Roraima al Orinoco: mitos y leyendas de los índios Taulipang y Arekuná.** Trad. Federica de Ritter. Caracas, Venezuela: Ernesto Armitano, 1989.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Del Roraima al Orinoco: mitos y leyendas de los índios Taulipang y Arekuná.** Trad. Federica de Ritter. Caracas, Venezuela: Ernesto Armitano, 1981.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Del Roraima al Orinoco,** Tomo III – Etnografia. Trad. Federica de Ritter. Ediciones Del Banco Central de Venezuela. Caracas, Venezuela, 1982.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco v,1: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1991 a 1913** / Theodor Koch-Grünberg, tradução Cristina Alberts-Franco. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco: Resultados de uma viagem no Norte do Brasil e na Venezuela nos anos de 1911 a 1913 – Volume II: Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arekuná** / Theodor Koch-Grünberg; traduzido por Cristina Alberts-Franco. – São Paulo: Editora Unesp, Editora UEA, 2022.

JOBIM, José Luís. **Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações** (livro eletrônico) / José Luís Jobim. - - Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

LOPEZ, Telê Ancona. O Macunaíma de Mário De Andrade nas Páginas de Koch-Grünberg. Manuscrítica: **Revista de Crítica Genética**, São Paulo, Brasil, p. 151–161, 2013, p. 151-161. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177732. Acesso em: 27 mai. 2024.

LOPEZ, Telê Ancona. Leituras e Criação: Fragmentos de um diálogo de Mario de Andrade. Manuscrítica: **Revista de Crítica Genética,** São Paulo, Brasil, n. 15, p. 62–95, 2007, p. 62-95. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177610. Acesso em: 24 abr. 2025.

MILTON, John,1956 - **Tradução: teoria e prática** / John Milton. – 2 –ed –São Paulo: Martins Fontes,1998. – (Coleção leitura e crítica)

PETSCHELIES, Erik. **As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)** / Erik Petschelies. – Campinas: [s.n.], 2019.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução/** Lawrence Venuti; traduzido por Laureano Pellegrin... [et al]. – São Paulo: Editora Unesp,2021.